

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional**  
**Curso de Graduação em Psicologia**



Trabalho de Conclusão de Curso

**Não poder parar: uma investigação fenomenológica a partir de narrativas de  
mulheres mães que trabalham na pandemia de COVID-19**

**Luisa Lislle Both Griebler**

Pelotas, 2023

**Luisa Lislle Both Griebler**

**Não poder parar: uma investigação fenomenológica a partir de narrativas de mulheres mães que trabalham na pandemia de COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giovana Fagundes Luczinski  
Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Camila Peixoto Farias

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

G848n Griebler, Luisa Lislíe Both

Não poder parar : uma investigação fenomenológica a partir de narrativas de mulheres mães que trabalham na pandemia de Covid-19 / Luisa Lislíe Both Griebler ; Giovana Fagundes Luczinski, orientadora ; Camila Peixoto Farias, coorientadora. — Pelotas, 2023.

50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Psicologia. 2. Fenomenologia. 3. Gênero. 4. Pandemia. I. Luczinski, Giovana Fagundes, orient. II. Farias, Camila Peixoto, coorient. III. Título.

CDD : 150

Luisa Lislie Both Griebler

Não poder parar: uma investigação fenomenológica a partir de narrativas de mulheres mães que trabalham na pandemia de COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas como requisito básico para a conclusão do Curso de Psicologia

Data da defesa: 22 de setembro de 2023.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giovana Fagundes Luczinski (orientadora)  
Doutora em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Camila Peixoto Farias (co-orientadora)  
Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza  
Doutor em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro

## Resumo

A pesquisa "Agora é que são elas: A pandemia de COVID-19 contada por mulheres" possibilitou que mulheres pudessem compartilhar as suas experiências, até então invisibilizadas em um momento inicial da pandemia de COVID-19 no Brasil, permitindo atentar para esse período a partir de uma perspectiva de gênero. A partir de um questionário *on-line*, 5.874 mulheres participaram contando sobre as suas realidades. Nesse artigo, buscamos investigar os fenômenos que se mostram a partir do encontro com as narrativas de 162 participantes, as quais são mães, trabalham e estão na graduação, constituindo o recorte em questão, considerando a demanda significativa de tempo e disposição que essas atividades implicam, como também as suas repercussões psíquicas e sociais, circunscritas no período inicial da pandemia. Esse percurso investigativo de caráter qualitativo é conduzido a partir da intersecção entre a perspectiva fenomenológica e as teorias feministas no âmbito da psicologia, partindo de uma postura implicada, localizada e corporificada no fazer científico. O encontro das pesquisadoras com os relatos permitiu emergir questões relacionadas ao isolamento social associadas ao cuidado afetivo e emocional, aos desafios em vista das novas realidades financeiras, como também às dificuldades de conciliar as múltiplas jornadas de trabalho somadas às demandas específicas da pandemia, revelando aspectos que remetem à dimensão da temporalidade contemporânea.

**Palavras-chave:** Psicologia; Fenomenologia, Gênero; Pandemia.

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>2. Metodologia.....</b>	<b>10</b>
<b>3. Discussão.....</b>	<b>14</b>
3.1 Isolamento social/cuidado afetivo e emocional.....	20
3.2 Insegurança financeira.....	29
3.3 Não poder parar.....	35
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>43</b>
<b>6. Referências.....</b>	<b>46</b>

## 1. Introdução

A pandemia de COVID-19 impactou a vida das pessoas de diversas formas. Entretanto, não é possível contar apenas uma história sobre o período, devido a pluralidade de vivências construídas até o momento atual, onde ainda é possível ouvir sobre as repercussões políticas, sociais, econômicas, como também interpessoais e psíquicas deste período tão impactante na experiência singular de cada pessoa, como também enquanto sociedade.

No contexto, surge o Projeto "Agora é que são elas: A pandemia de COVID-19 contada por mulheres", como uma parceria entre o Epoché (Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Existencial) e o Pulsional (Núcleo de Estudos em Psicanálise) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e o Marginália (Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), compreendendo as esferas de pesquisa, ensino e extensão no meio acadêmico. O Projeto busca complexificar as discussões sobre as experiências durante a pandemia de COVID-19 no Brasil a partir de uma perspectiva de gênero, em um movimento de desconstruir uma suposta universalidade das narrativas presentes em seu momento inicial. E com isso, ampliando as possibilidades de narrar o período a partir das experiências de grupos historicamente invisibilizados, em contrapartida a uma perspectiva hegemônica que configura uma história única (Adichie, 2019). Buscamos criar possibilidades de atender a outras formas de conceber os fenômenos históricos, aqui pensando em uma dimensão de gênero, não permitindo considerá-las apenas com narrativas justapostas, mas de forma que elas necessariamente se misturam e se afetam, criando novas possibilidades de perceber e compreender a realidade, como também de narrar um período histórico.

Com importante participação no cenário nacional de pesquisas sobre o vírus da COVID-19, a Epicovid-19 dirigida pelo Centro de Pesquisas Epidemiológicas da UFPel - localizada na cidade de Pelotas, no interior do Estado do Rio Grande do Sul - esteve presente em 133 municípios do país e contou com a participação de quase 100 mil pessoas, com ações voltadas a identificar e contabilizar as manifestações características das infecções relacionadas ao vírus, as quais aconteciam por meio da aplicação de um questionário e um exame sorológico breve em visitas

domiciliares à população (Brasil, ?b). Entre outros objetivos dessa pesquisa, também foram desenvolvidos estudos sobre a letalidade da doença, o mapeamento de recursos hospitalares e o estabelecimento de critérios para distanciamento social com embasamento científico (Brasil, ?b), sendo fundamental para o enfrentamento da pandemia do país.

A pesquisa "Agora é que são elas: A pandemia de COVID-19 contada por mulheres" buscou abrir um espaço para que narrativas até então invisibilizadas sobre o período pudessem aparecer e serem ouvidas. A partir do contato com relatos escritos coletados pelo questionário on-line é possível perceber uma pluralidade de elementos que não estavam presentes na veiculação de informações através das mídias sobre o período de pandemia no ano inicial. Entre eles estão a sobrecarga com os cuidados com a casa, com a família, com o trabalho e consigo mesma, entre uma miríade de sentidos que estavam ocultadas por uma narrativa hegemônica sobre a COVID-19 contextualizada no Brasil. Em um trabalho de acessar essas experiências em sua complexidade de forma cuidadosa e implicada, buscamos atentar para como elementos estruturantes da experiência - entre eles o gênero, raça, classe e idade, por exemplo - atuam indissociavelmente, a partir de uma perspectiva da interseccionalidade (Akotirene, 2018), nas formas de estar no mundo. Ao mesmo tempo, se mostrando como fundamental para a compreensão de fenômenos psíquicos e sociais, em uma lógica comprometida com a diversidade.

Nesse Trabalho de Conclusão de Curso nos propomos a investigar, a partir das narrativas da pesquisa, as realidades de mulheres que são mães, trabalham e estudam, considerando os inúmeros desafios que se renovam todos os dias para conciliar essas atividades. Entretanto, não buscamos como objetivo construir uma narrativa generalizada ou mesmo um perfil para essas mulheres, mas visibilizar a diversidade de experiências a partir da intersecção de elementos estruturais na vida das participantes e as suas repercussões subjetivas. Aqui, entendendo mulher enquanto categoria discursiva, fluida, a partir da qual produzimos sentidos no mundo, não sendo possível encerrá-los em um grupo homogêneo, visto a multiplicidade de experiências em ser mulher (Luczinski; Farias, 2022).

Entendemos que as pesquisas que produzimos são responsáveis por criar mundos e produzir realidades (Moraes; Quadros, 2019), assumindo um compromisso ético e político com as escritas que colocamos no mundo. As autoras brasileiras Márcia Moraes e Laura Quadros (2019) convocam a refletir para quem

estamos produzindo conhecimentos e que mundos iremos compor com quem construímos as nossas pesquisas. Essas são perguntas que seguem conosco e nos movimentam durante o nosso percurso investigativo nesse trabalho.

A fim de ampliar as possibilidades de compreender as diversas realidades das participantes da pesquisa, dialogamos com a autora multicultural Sarah Ahmed (2022), a qual introduz como metáfora a imagem de uma parede de tijolos para se referir às barreiras que encontramos em nossas vidas que nos impedem de falar sobre diversidade em determinadas instituições. É como um obstáculo que é percebido apenas por aquelas pessoas que são impedidas de passar, as quais não estão inseridas nas narrativas da normatividade. Ao mesmo tempo, é permeável e imperceptível para pessoas que em alguma medida pertencem à norma. As opressões de raça e de gênero, conforme traz a autora, são evidências da materialidade dessas paredes nas vidas das pessoas (Ahmed, 2022). E nesse trabalho buscamos investigar como esses obstáculos se fazem presentes no cotidiano das mulheres que são mães, trabalham e estudam, e como eles operam nas dinâmicas de vida das participantes. Além de visibilizar como essas paredes se encontram no próprio processo de realização da pesquisa, à medida em que as suas condições de execução por meio dos recursos de internet, dentro das possibilidades daquele momento, limitaram o acesso ao questionário *on-line*.

Quais eram as possibilidades de ser mãe, trabalhar e estudar durante a pandemia? Nós buscamos investigar que fenômenos se mostram a partir do encontro com as narrativas das participantes, considerando a demanda significativa de tempo que as atividades de estudo, trabalho, maternidade e cuidado consigo mesmas exigem, como também as suas repercussões psíquicas e sociais, circunscritas no período inicial de pandemia de COVID-19.

## 2. Metodologia

O instrumento utilizado foi um formulário composto por 32 questões ao todo, sendo 26 perguntas objetivas, com o intuito de conhecer um pouco sobre as diferentes realidades e contextos das participantes, e 6 perguntas narrativas, pensadas para abrir um espaço onde elas pudessem contar como estavam sendo as suas experiências no período de pandemia até o momento. O formulário foi divulgado a partir das redes sociais de forma *on-line* - como WhatsApp, Facebook e e-mail. Ele começou a ser divulgado em 24 de maio de 2020 e ficou disponível até 7 de junho do mesmo ano. Ao todo, a pesquisa contou com a participação de 5.874 respondentes, e o recorte em questão compreendeu 162 delas, sendo a pesquisa aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal de Pelotas (CAAE: 31203220.3.0000.5317).

O recorte estabelecido para a investigação nesse trabalho compreende as respondentes da pesquisa que se declararam mães, que estavam trabalhando no momento e com a graduação incompleta. Ele foi pensado no sentido de visibilizar e compreender como estava a vida dessas mulheres no período inicial da pandemia, considerando a grande demanda e implicação entre os papéis da maternidade, do trabalho e da vida acadêmica. Para conduzir esse percurso investigativo, olharemos para as respostas das perguntas de número 28 e 30 presentes no questionário, que abordam quais foram as principais transformações em suas vidas em decorrência da pandemia de COVID-19 em seu momento inicial e quais os maiores desafios frente a esse período, respectivamente, em conjunto com os dados sociodemográficos obtidos através das perguntas objetivas.

Essa investigação foi conduzida a partir da perspectiva existencial-fenomenológica no âmbito da Psicologia, a fim de perscrutar aspectos evidenciados nas narrativas das participantes sobre as suas experiências no período em questão. E por esse caminho, destacamos os elementos que aparecem para nós, conduzindo articulações teóricas entre a perspectiva existencial-fenomenológica e as teorias feministas. A fenomenologia é uma corrente filosófica elaborada pelo filósofo e matemático alemão Edmund Husserl com início no século XX. Ela surge em um contexto de crise nas filosofias ocidentais europeias, com a metafísica enquanto expoente, a qual se colocava enquanto única

forma de acessar a verdade sobre a realidade do mundo, essa enquanto única, "estável e absoluta, bem como a via de acesso a ela", nas palavras da professora brasileira Dulce Critelli (1996, p. 11). A perspectiva fenomenológica surge enquanto possibilidade de construir conhecimentos e conceber o estar no mundo a partir da condição humana por meio de uma postura que pressupõe a parcialidade, provisoriedade e mutabilidade da verdade (Critelli, 1996). Em contraste com um paradigma das Ciências da Natureza, em que a realidade existe de forma independente à consciência, para a Fenomenologia, a realidade existe enquanto um sentido que lhe é atribuído (Martins; Bicudo, 1989)

O percurso metodológico em vista viabiliza o contato e elaboração sobre os sentidos daquela experiência a partir do recurso da redução fenomenológica, que consiste em nos tornarmos conscientes dos nossos conhecimentos teóricos, preconceitos e concepções prévias sobre o mundo e os suspendermos com o objetivo de entrar em contato com o fenômeno que se mostra para nós, como possibilidade de retornar à experiência vivida (Forghieri, 2012). O que não quer dizer que iremos negar as concepções que estão conosco, mas tornar consciente o nosso vínculo com o mundo (Merleau-Ponty, 1973). Esse processo se coloca como um recurso diante à atitude natural, a qual consiste em uma postura irrefletida sobre os fenômenos que aparecem para nós em nossos cotidianos, quando tomamos as coisas do mundo como dadas e não as pensamos e questionamos. Portanto, para conduzir uma investigação diante da realidade dos fenômenos que se mostram é requerida uma atitude fenomenológica específica, a fim de trazê-los para a consciência deixando de compreender os fenômenos como algo natural e pré-estabelecido (Zahavi, 2019).

O método fenomenológico é composto por um primeiro movimento de imersão na experiência, a partir do qual se torna possível deixar-se afetar e perceber como o fenômeno aparece para nós. De acordo com a professora brasileira Yolanda Forghieri (2012), este movimento é nomeado envolvimento existencial, e acontece na pesquisa quando conduzimos uma imersão nos relatos das participantes, buscando entrar em contato com os sentidos conferidos às suas experiências. Nesse processo, nos aproximamos cuidadosamente das narrativas, permitindo que esses sentidos se mostrassem, de acordo com os autores brasileiros Joel Martins e Maria Aparecida Bicudo (1989). Em um segundo momento,

conduzimos um movimento de nos retirar do contato imediato com a experiência e abrir espaço para refletir sobre ela, passo metodológico chamado de distanciamento reflexivo (Forghieri, 2012), que ocorre quando buscamos encontrar sentidos em comum entre os relatos e conduzir articulações com as questões teóricas.

Esse percurso alinha-se à perspectiva da primeira pessoa elaborada pelo filósofo dinamarquês Dan Zahavi (2019), a qual diz que apenas a partir da disposição enquanto sujeito intencional se torna possível conhecer o mundo, tendo a subjetividade como condição indispensável nesse processo. Logo, torna-se possível que "diferentes pesquisadores indiquem diferentes significados de acordo com as suas perspectivas e interrogações" (Martins; Bicudo, 1989, p. 95). A narrativa aparece enquanto potência do "trazer à tona a força genuína do vivido para além do fato" (Moraes; Quadros, 2019, p. 10). Considerando a subjetividade e a implicação de quem pesquisa como elemento fundamental da estruturação do processo de pesquisar, esse trabalho não busca ser reproduzido em condições ou contextos distintos, estando de acordo com uma perspectiva implicada e localizada na produção de conhecimentos, em consonância com a professora estadunidense Donna Haraway (2009). No mesmo sentido, a psicóloga brasileira Sofia Favero (2020) coloca a prática de pesquisar enquanto estar em movimento, e também como uma escrita verdadeiramente implicada e parcial possibilita perceber as repercussões de nossas presenças na relação com o campo, onde "o fundamento de uma escrita posicionada se desloca para seus encontros" (p. 13). E no encontro com as narrativas das participantes, as significações das suas experiências foram sendo desveladas, com a intencionalidade de quem pesquisa atuando em seu alcance.

Portanto, para realizar a investigação com as narrativas das participantes a partir do método fenomenológico nesse trabalho, elencamos unidades de significado (Martins; Bicudo, 1989) no decorrer do processo de análise, que consistem em conjuntos de significações encontradas em comum entre os relatos. As unidades não se encontram prontas no texto, dependendo de uma disposição afetiva e interessada de quem pesquisa (Martins; Bicudo, 1989). Nesse sentido, elencamos como unidades de significado para esse trabalho o "isolamento social", o "cuidado afetivo e emocional", a "insegurança financeira" e o "não poder parar". E a partir delas iremos pensar como esses sentidos constituem as realidades e

experiências das participantes, conduzindo investigações localizadas e corporificadas (Haraway, 2009), onde as "afetações de nossos corpos se desdobram em intervenções" (Moraes; Quadros, 2019, p. 3).

### 3. Discussão

Com esse trabalho, buscamos conduzir um movimento de desvelar o que se mostra na experiência cotidiana das mulheres que estão virtualmente conosco nesta investigação. Estamos nos propondo a atentar e dar sentidos a essas realidades, nomeando os fenômenos que aparecem para nós a partir do encontro com as narrativas das participantes e articulando com questões conceituais que sustentam o nosso arcabouço teórico.

Estamos buscando conduzir uma investigação além da experiência privada e abstrata, trazendo uma "densidade social e física" (Ahmed, p. 65, 2022) para essas realidades, mesmo que virtualmente compartilhadas. Quando reafirmamos o lema feminista de que o pessoal é político, estamos nos referindo a um trabalho de historicização e conscientização de lógicas e relações de poder entre homens e mulheres (Dorlin, 2021), onde passamos a perceber as experiências singulares também a partir de uma perspectiva coletiva, tornando possível evidenciar dinâmicas sociais e políticas de invisibilização e inferiorização. É a partir de um olhar ampliado sobre a experiência que se torna possível buscar encaminhamentos coletivos. Ao mesmo tempo, uma experiência ser coletiva, não significa que ela é homogênea pois os aspectos compartilhados se mostram com especificidades para cada pessoa, mantendo a sua dimensão singular concomitante. Quando estamos falando sobre as experiências de mulheres que são mães que estudam e trabalham, não buscamos encontrar ou criar um perfil para elas, mas complexificar as suas possibilidades de estar no mundo a partir dessas condições. É notável que diversos fatores em comum transpassam as suas experiências, mas em cada uma isso se mostra de forma distinta de acordo com as configurações da sua realidade. E quanto a isso, estamos nos referindo à sua cor de pele, idade, ao lugar de onde fala, aos espaços que frequenta, aos aspectos subjetivos, entre uma multiplicidade de elementos que constituem as suas realidades, ressaltando a coexistência das dimensões singular e coletiva das experiências no mundo.

Ao mesmo tempo, é fundamental reconhecer as reverberações psíquicas nas experiências das mulheres em relação às condições de invisibilização e deslegitimação em que estão inseridas em um mundo patriarcal. No entanto, é

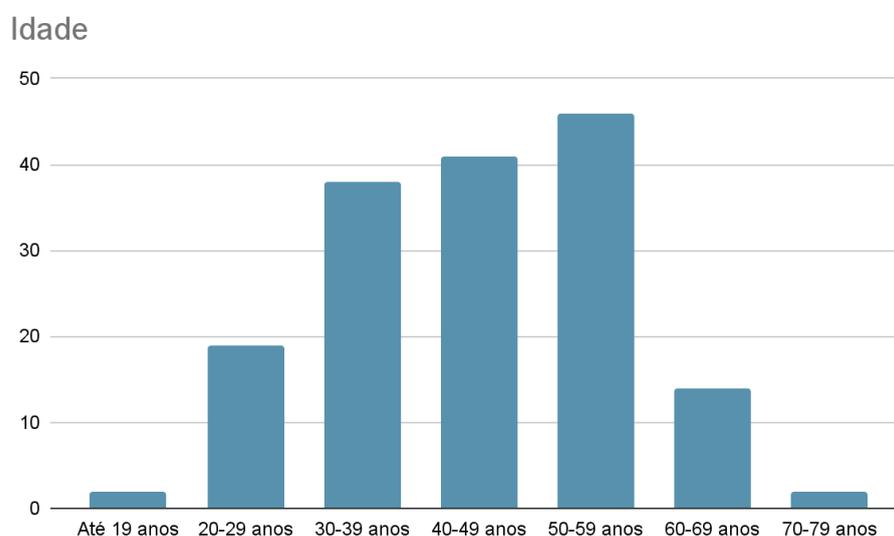
igualmente significativo sublinhar que isso não se deve a uma condição psíquica particular das mulheres, a um movimento de interiorização e essencialização, que refere à uma natureza feminina. Deve-se às formas de estar no mundo que foram construídas e consolidadas em sociedades ocidentais, com o decorrer de séculos de subjetivação, a partir de lógicas estruturantes das dinâmicas sociais, que operam por meio da invisibilização e inferiorização de mulheres. Entendendo que existem diferenças entre as lógicas de subalternização entre mulheres cisgênero e transgênero, e apesar das possíveis intersecções entre elas, iremos nos deter a investigar as experiências de mulheres cisgênero que estão presentes nesse recorte de uma pesquisa mais ampla.

Com o objetivo de situar as participantes em relação a marcadores sociais e informações significativas para a compreensão das discussões, traremos dados correspondentes às respostas de algumas perguntas objetivas do questionário. Em relação à escolaridade e à ocupação, todas afirmaram trabalhar e ter o ensino superior incompleto, além de também serem mães, sendo esses os critérios escolhidos para delimitar o recorte aqui trabalhado. A sua maioria reside no Brasil, com exceção de 3 participantes que moram no exterior. Quanto ao gênero, 95% se declararam cisgênero, 3% não binária e 1% outro, nenhuma participante tendo se declarado enquanto mulher transgênero. Em relação à orientação sexual, 89% afirmaram ser heterossexuais, 6% bissexuais, 1% homossexuais e 1% respondentes assinalaram a opção "outro". Sobre a raça, 69% afirmaram ser brancas, 17% pardas, 11% pretas e 1% entre indígena e amarela ou asiática.

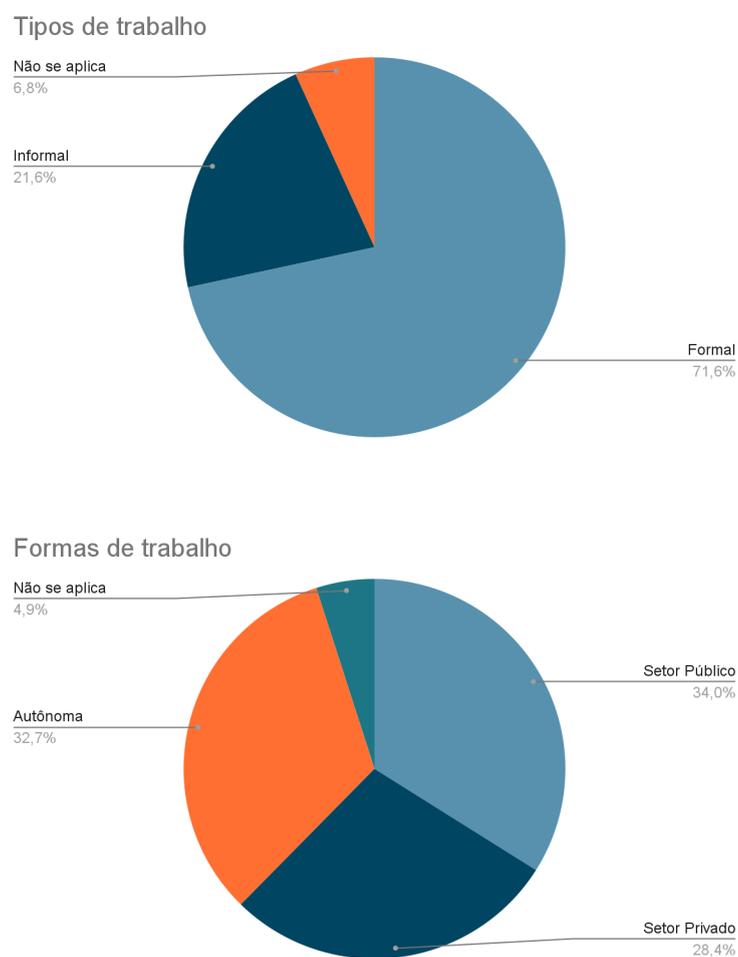
A primeira análise que podemos fazer a partir dos dados quantitativos apresentados é a forma como eles refletem lógicas hegemônicas de privilégios quando apresentam enquanto público, em sua maioria, mulheres brancas, cisgênero e heterossexuais. Devemos isso ao meio utilizado, o formulário *on-line*, enquanto única possibilidade de construir esse canal de comunicação em um momento de restrições de convívio por conta das medidas de contenção à disseminação do vírus da COVID-19, inviabilizando a realização de entrevistas na modalidade presencial, as quais permitiriam ampliar a diversidade de experiências. Com o compartilhamento do instrumento *on-line*, percebemos que esbarramos em algumas questões como a falta de acesso a recursos e dispositivos de internet/tecnológicos, implicando diretamente no público que teve disponibilidade para participar da pesquisa, conseqüentemente na restrição de acesso por grupos socialmente

invisibilizados. Esses limites podem ser entendidos a partir da metáfora da parede de tijolos da Sarah Ahmed (2019), como barreiras que impedem que a diversidade apareça. Reconhecemos que essas limitações de alcance de pesquisas em meios virtuais já se mostram como dados significativos, sendo uma primeira condição de análise de onde partimos, em um movimento de nos localizarmos no processo de pesquisa (Haraway, 2009). É preciso sublinhar a questão da materialidade na discussão, aos grupos que receberam e disseminaram o questionário por conta do seu acesso aos meios virtuais de comunicação, como também da sua disponibilidade de tempo para preenchimento e envio do questionário, que estão relacionados a possibilidades concretas de vida. A grande quantidade de perguntas do instrumento, como também a presença de questões descritivas, que demandam maior envolvimento e disponibilidade de tempo, também são elementos a serem considerados como empecilho para o formulário ser preenchido ou finalizado. Ao mesmo tempo, quase 6 mil mulheres contribuíram com a sua participação na pesquisa, o que convida a pensar a importância de abrir esse espaço de partilha em um momento tão angustiante quanto ao dos meses iniciais de pandemia de COVID-19 no Brasil, quando ainda não apareciam discussões sobre gênero nos principais veículos de informação.

Em vista da idade das participantes, de acordo com o gráfico a seguir, é possível atestar que a maioria das participantes está compreendida entre a faixa etária de 30 a 59 anos, sendo importante evidenciar esse aspecto para ampliar as possibilidades de compreender os fenômenos que se mostram em suas narrativas.



Na esfera do trabalho, percebemos a predominância de mulheres que estão empregadas no mercado formal, à medida que em relação ao setor, identificamos que há uma aproximação entre o número de participantes dos setores público e privado, como também das profissionais autônomas, ainda que as profissionais da esfera pública tenham o maior número de participantes entre cada um dos segmentos, correspondendo a 34% do total.

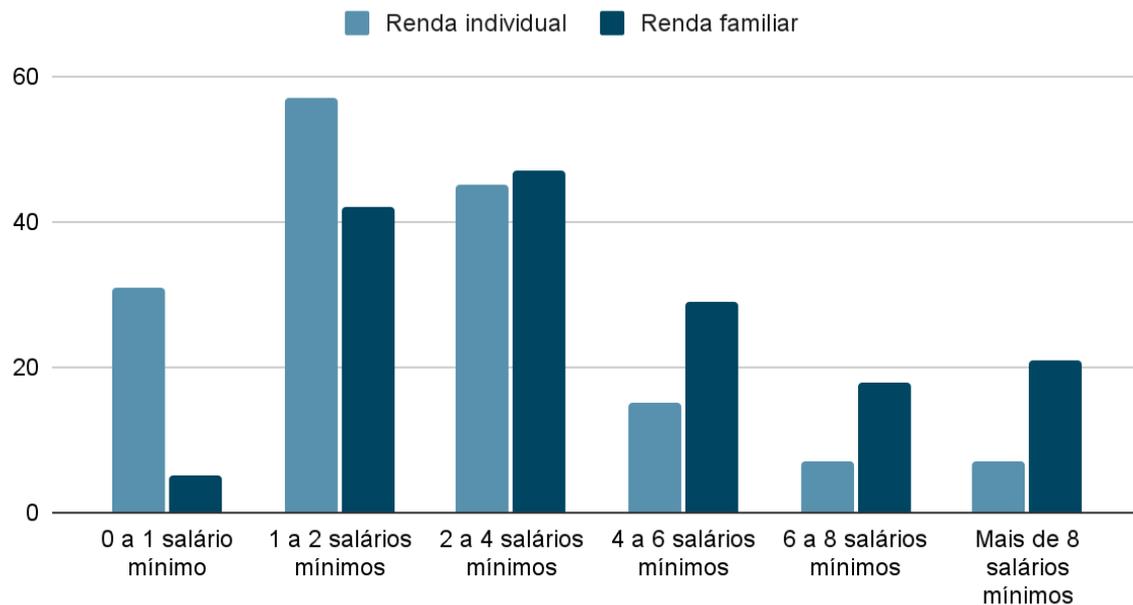


Em relação a ter que sair para trabalhar durante o período inicial de pandemia de COVID-19, 58% das participantes afirmaram que não precisaram sair de casa, enquanto 39% confirmaram que sim<sup>1</sup>. Em relação à renda, haviam duas

<sup>1</sup>Em relação ao setor de trabalho, 8 participantes assinalaram a opção "não se aplica"; quanto ao trabalho em si, 11 marcaram a mesma opção disponível; e ainda sobre ter que sair de casa para trabalhar, 3 delas também escolheram essa alternativa. A opção "não se aplica" nessas perguntas foi

perguntas que buscavam identificar respectivamente a renda individual e a familiar das participantes, como é possível observar os dados obtidos no gráfico à seguir:

## Renda



No que se refere ao cuidado com o/s filho/s, 71% afirmaram não ser a única pessoa responsável pelo cuidado, à medida que 28% confirmaram que eram as únicas responsáveis. Outra pergunta presente no questionário evocava a questão dos cuidados respectivos a outros membros da família que não filho/s, na qual 62% das respondentes confirmaram que estavam implicadas com esses cuidados e 37% delas afirmaram que não. Na pergunta em questão, foi especificado que tais cuidados seriam tanto práticos - como em relação à alimentação, à limpeza da casa e à administração de medicações, por exemplo -, como também quanto aos aspectos emocionais - relativos à escuta de relatos sobre situações de sofrimento ou violência, à ajuda na resolução de problemas e ao apoio emocional. Colocados esses dados, podemos perceber que uma parcela expressiva das mulheres têm

---

pensada na elaboração do questionário para as participantes que não estavam trabalhando naquele momento. Por ser uma pesquisa realizada por meio de um questionário virtual, não há a possibilidade de confirmar o sentido dessas respostas dadas pelas participantes que confirmaram que estavam empregadas, considerando que esse era um dos critérios para o delineamento do recorte do trabalho. Entendemos que essa situação pode falar de um momento em que as mulheres estavam se reorganizando em relação às suas ocupações, considerando as incertezas relacionadas ao mercado de trabalho nos meses iniciais da pandemia de COVID-19 no Brasil.

apoio para o cuidado com as/os filhas/os, o que convida a pensar, em um primeiro momento, na possível distribuição equitativa entre as atividades de manutenção da vida e cuidado com as crianças e adolescentes que não sobrecarregaria tanto as mães. Enquanto uma parte significativa das participantes confirmaram a participação nos cuidados com outros membros da família que não filho/s, sinalizando uma ambivalência à medida em que têm uma maior colaboração com o cuidado do/s filho/s, também têm uma maior responsabilização e compromisso com o cuidado de outras pessoas da família (Affonso, 2021; Gesser, Zirbel, Luiz, 2022).

Com o movimento de apresentar os dados sociodemográficos das participantes, é possível constatar que o público desse recorte da pesquisa é constituído majoritariamente por mulheres brancas, heterossexuais, com idade entre 30 e 59 anos, de classe média, funcionárias do setor formal e do serviço público, que não precisaram sair de casa para trabalhar durante os primeiros meses da pandemia. Em sua maioria, as participantes também afirmaram compartilhar os cuidados com o/s filho/s, enquanto eram responsáveis por cuidar de outras pessoas da família. Com essa análise quantitativa preliminar, pretendemos localizar as mulheres às quais estamos nos referindo, não buscando consolidar uma narrativa homogênea sobre o ser mulher.

Adensando as análises sobre o recorte escolhido, nos voltamos para o método fenomenológico de investigação, debruçando-nos qualitativa e subjetivamente sobre as perguntas dissertativas elencadas: a de número 28, "Relate as principais transformações que a pandemia de COVID-19 causou na sua vida" e a de número 30, "Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?". O recurso das unidades de significado (Martins; Bicudo, 1989), a partir da perspectiva fenomenológica no âmbito da psicologia, contribui com esse percurso investigativo em conjunto com as mulheres que estão conosco nessa pesquisa. No encontro com as suas narrativas, identificamos possíveis sentidos em comum entre as suas experiências, convergindo em quatro unidades de significado. São elas: "isolamento social", "cuidado afetivo e emocional", "insegurança financeira" e "não poder parar". Iniciamos as discussões a partir das unidades "isolamento social" e "cuidado afetivo e emocional", que serão analisadas em conjunto a seguir.

### 3.1 Isolamento social/cuidado afetivo e emocional

Um dos aspectos desafiadores relacionados ao isolamento no período inicial de pandemia de COVID-19 implicou permanecer longe da família e amigos/os, lidar com a rotina concentrada em casa e a impossibilidade de circular entre outros espaços. Nos meses iniciais, o isolamento, para quem teve o direito de exercê-lo, foi pautado também por medo e apreensão. Essa realidade afetou a dimensão das relações interpessoais, essencial nos processos de subjetivação das pessoas. No âmbito da psicologia, o ser humano está em constante transformação, nutrindo possibilidades de vir a ser no mundo. E os processos de subjetivação são aqueles em quem a pessoa está constantemente se tornando quem se é, criando e reinventando os seus modos de estar. E isso se torna possível quando estamos em relação, às quais pressupõem movimento e imprevisibilidade, pois é no encontro que conhecemos a nós e às pessoas à nossa volta, em um constante processo de criação e inacabamento (Sartre, 2014). E esses processos passaram a ser experienciados de formas distintas a partir da conjuntura decorrente da pandemia de COVID-19, sendo o isolamento social um elemento significativo a ser considerado na experiência desse período. Posto isso, o elencamos como unidade de significado, considerando a forma recorrente em que aparece nos relatos das participantes da pesquisa, como é possível notar a seguir a partir das respostas à pergunta sobre os maiores desafios:

"Ficar longe das pessoas que quero bem." (2076)

"Não ter convívio social." (2298)

"Ficar em casa sem ver meus amigos e familiares." (2403)

"A falta de convivência com outras pessoas." (3487)

"Ter a liberdade retirada do meu dia a dia não tem sido uma sensação fácil de administrar. Sempre fui muito pró ativa, esse isolamento me deixa muito tensa." (3943)

"Viver sempre dentro de casa." (4854)

A impossibilidade do convívio com outras pessoas aparece nas narrativas das participantes (3487 e 2298), como também a distância em relação às pessoas próximas, de acordo com as respondentes (2076 e 2403). As limitações em vista do espaço físico também surgem nas narrativas das participantes (3943 e 4854), evidenciando o desafio de estar o tempo inteiro dentro de casa e, por consequência,

a sua falta de liberdade. Nesse entremeio, é importante lembrar como as manifestações do chefe de Estado e de governo do Brasil em exercício, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), desencorajaram a realização do isolamento social em desacordo com as diretrizes oficiais da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) (Mugnatto, 2020). Visto isso, o isolamento das pessoas em suas casas, quando possível de ser feito, estava sendo alvo de duras críticas por parte do ex-presidente e mantê-lo aparecia como algo desafiador em meio às condições.

A partir do encontro com as narrativas, foi possível identificar elementos respectivos ao manejo das mulheres com o novo contexto que se colocava. Essas novas realidades se mostram enquanto um desafio tanto para aquelas que permaneceram em casa com a possibilidade de trabalhar de forma remota, correspondente à 58% das respondentes, quanto para as que precisavam sair para trabalhar, sendo 39% delas, o que implicava maior risco à saúde concebendo a gravidade do contexto epidemiológico no país nos primeiros meses de pandemia de COVID-19. Considerando que os demais espaços que faziam parte das dinâmicas da vida estavam com as suas atividades presenciais suspensas devido às medidas de segurança em vista do controle da disseminação do vírus, era preciso lidar com as condições impostas por esse cenário. E os movimentos para a adaptação a essas novas rotinas repercutiu diretamente nas dinâmicas das famílias, com ênfase nos efeitos na vida das mulheres que são mães.

"Explicar a gravidade da situação aos filhos adolescentes que tenho em casa."

(2477)

"Os adolescentes que ficam emburrados pois não podem sair." (2965)

O isolamento social aparece como um desafio na experiência própria das mulheres, mas também no sentido de gerir a permanência dos/das filhos/filhas em casa. Nas narrativas anteriores (2477 e 2965), esse aspecto surge com o movimento de explicar aos filhos adolescentes a importância de ficar em casa no momento inicial da pandemia, como também lidar com a frustração deles em vista das possibilidades de socialização restritas. Diante disso, pensamos em como o discurso presidencial de que não havia uma pandemia operava enquanto um dificultador na comunicação ao/s filho/s sobre a gravidade do que estava

acontecendo. A partir dessas questões começamos a entrar em contato com a amplitude dos desafios em manter os/as filhos/as em casa durante esse período, como também destacam as narrativas a seguir:

"Entreter meu filho e gerenciar os gastos." (447)

"Manter uma rotina diária para que as filhas não percam essa dinâmica.

Acompanhar os estudos online com a filha mais nova." (918)

Ao mesmo tempo, também são evidenciadas as dificuldades em integrar os momentos de estudos das/os filhas/os e de construir uma rotina apenas em casa, a fim de mantê-las/os em movimento. Construir os processos de ensino e aprendizagem nesse novo contexto, principalmente com crianças, demandou um envolvimento muito significativo por parte dos familiares, com destaque para mães - como também das/os profissionais de ensino básico, sendo a sua maioria expressiva constituída por mulheres -, a fim de reinventar esses processos. Sendo preciso lembrar que a ampliação do auxílio com o ensino das/os filhas/os estava sendo conciliado com as demandas de trabalho como fonte de renda das participantes também.

À medida que conhecemos mais sobre a experiências das mulheres enquanto mães, caminhamos no sentido de complexificar o cenário de isolamento social associado à maternidade.

"Ficar completamente em casa cuidando da minha bebê tem sido muito desgastante. Me esforço muito para conseguir me ver além de mãe... Mas como no momento não saio nem para trabalhar, e o que mais faço é cuidar dela que depende de mim, às vezes esqueço que também sou mulher e não só mãe. Por mais que tenha ajuda, sinto que sou eu quem me sobrecarrego." (73)

Com a narrativa anterior (73) é possível perceber a angústia de exercer o papel de mãe durante tempo integral, com a possibilidade reduzida de auxílio das/os demais integrantes da sua rede de apoio. E os cuidados com as/os filhas/os e com a casa, por mais que compartilhados em alguns casos com as/os companheiras/os e outras/os integrantes da família, ainda aparecem como responsabilidade predominantemente delas. Conforme a participante (73) afirma, que apesar de compartilhar os cuidados com o pai e avó da filha, ainda se sente sobrecarregada.

A autora estadunidense bell hooks (2021) alerta como um movimento patriarcal de afastamento das redes familiares mais amplas em direção ao núcleo familiar - constituído geralmente pela mãe, o pai e o/s filho/s - estaria tornando as crianças cada vez mais "dependentes de uma única mulher" (Hooks, 2021, p. 163), enfatizando a lógica liberal da família nuclear. E esse fenômeno estaria reforçando a dinâmica do familismo, em que a família é responsabilizada pelos cuidados e a proteção social, os quais ficam restritos ao âmbito privado, o que acaba por recair sobre as mulheres, reiterando as desigualdades de gênero a favor de um sistema econômico neoliberal (Gesser; Zirbel; Luiz, 2022). Com a pandemia, houve o agravamento dessa condição com o afastamento das redes de apoio que estariam envolvidas com o cuidado de crianças e adolescentes. Essa dinâmica ampliou a responsabilidade das mulheres sobre os cuidados com as/os filhas/os, por mais que elas tivessem ajuda. Os dados da pesquisa confirmam que 116 participantes não são as únicas responsáveis pelo cuidado com as/os filhas/os, em face de 46 delas que são a única responsável. Entre as respondentes que afirmaram partilhar o cuidado, 63 delas o faziam apenas com a/o companheira/o. Ao mesmo tempo, é significativo pontuar que uma parcela das participantes afirmou ter as/os filhas/os adultas/os e não morar mais com elas/eles.

"Cuidar da casa e do bebê sozinha." (1189)

Essa participante (1189) compartilha o desafio em cuidar da casa e do seu bebê sozinha, afirmando não compartilhar o cuidado com o filho, o que convida a pensar sobre a realidade das mães solo no contexto de pandemia. Em pesquisa recente, a Fundação Getúlio Vargas afirmou que o número de domicílios com a presença de mães solo entre os anos de 2012 e 2022 aumentou em 17,8%, indo de 9,6 milhões para 11,3 milhões (Feijó, 2023). Ao mesmo tempo, pontua que o número de mães solo pretas ou pardas aumentou significativamente, indo de 5,4 milhões para 6,9 milhões de mulheres, enquanto o número de mulheres brancas e amarelas na mesma condição manteve uma estabilidade relativa (Feijó, 2023). As múltiplas realidades enquanto mãe solo no Brasil compartilham inúmeros desafios, os quais foram agravados durante a pandemia de COVID-19. A partir de estudos recentes sobre a maternidade solo no contexto pandêmico (Gautério et al., 2022; Soares; Peixoto, 2022), é possível perceber as dimensões de sobrecarga,

desamparo e solidão na experiência das mulheres, evidenciando as dinâmicas sociais e as repercussões subjetivas associadas à maternidade, como também a escassez de políticas públicas no cenário nacional voltadas a uma parcela tão significativa da população.

A autora francesa Elsa Dorlin (2021) elabora sobre a "ética do *care*", em tradução, uma "ética do cuidado":

"Mais do que uma sensibilidade intuitiva, o *care* é uma verdadeira ética que, longe de estar fundada em princípios ou regras pré-definidas, é, boa parte das vezes, determinada pelo trabalho cotidiano realizado tradicionalmente pela mulheres no âmbito privado, e que remete à uma miríade de gestos e afetos caracterizados pelo cuidado, compreensão e a preocupação com os outros." (Dorlin, 2021, p. 26).

Os aspectos da experiência de mulheres evidenciados pela autora aparecem nas narrativas das participantes sinalizando a presença das práticas de cuidado com suas especificidades em seus cotidianos. Outras autoras ajudam a pensar a questão do cuidado, como a filósofa italiana Silvia Federici (2017; 2019), também a partir de uma perspectiva de gênero, discorrendo sobre o trabalho reprodutivo. Este é caracterizado por atividades relativas à manutenção da vida no âmbito doméstico, sendo notoriamente invisibilizado, ao mesmo tempo em que se faz tão essencial, pois é através das atividades do dia a dia que produzimos a nossa existência, como também as dinâmicas da vida em sociedade (Federici, 2019). E esse trabalho historicamente delegado às mulheres acabou passando por um processo de naturalização por conta da sua condição não remunerada (Federici, 2019). Com o encadeamento desse processo de naturalização, ele passa a ser compreendido como algo que é inato, que pertence às pessoas reconhecidas enquanto mulheres desde o momento em que chegam ao mundo, sendo inerente à sua existência. Acontece que essa interpretação se faz equivocada quando analisada à luz do feminismo marxista, como faz Silvia Federici, ou mesmo a partir de uma perspectiva existencial-fenomenológica. Afinal, o ser humano começa a habitar o mundo e a construir sentidos a partir da sua experiência, tornando-se quem é em um movimento inacabado e impermanente - o que conhecemos a partir da premissa fenomenológica de que "a existência precede a essência". Assim, podemos compreender que não existe um núcleo de características que vêm conosco ao mundo, mas que elas vão se construindo à medida em que nos colocamos em

relação com pessoas e culturas em determinado período histórico.

E se as mulheres não nascem com essas características, desde quando elas passam a ocupar esse espaço quase que exclusivo da realização das atividades domésticas? Silvia Federici (2017) localiza na Europa esse processo, a partir de uma perspectiva ocidental, na transição do período da Idade Média para a Idade Moderna, do regime feudal para o mercantilista. Naquele momento, estava em curso a transformação do modelo de produção predominantemente agrário para o industrial. Logo, os homens passaram a estar presentes na esfera do trabalho fabril e remunerado e as mulheres permaneceram no ambiente domiciliar, tendo o desempenho de suas atividades desqualificado, sem remuneração ou com uma remuneração inferior em comparação às mesmas atividades desempenhadas por homens (Federici, 2019). Nesse momento, ganha contornos o que conhecemos por divisão sexual do trabalho, na qual os homens passam a ocupar cargos remunerados e de reconhecimento social, enquanto mulheres permanecem em casa realizando atividades, que além de não serem remuneradas, também são invisibilizadas (Dorlin, 2021). Assim, percebemos como esse papel foi sendo construído com o decorrer dos períodos históricos, não se tratando de algo que é inato às experiências das mulheres, mas como uma construção discursiva localizada em um espaço geográfico e momento histórico específicos.

No Brasil, a discussão sobre o cuidado adquire especificidades por conta da sua história marcada pela colonialidade. A psicóloga brasileira Cida Bento (2022) discorre amplamente sobre como as questões raciais transversalizam as relações e práticas de cuidado na vida de mulheres negras no contexto brasileiro. Em concordância com o debate, a psicóloga brasileira Luiza Affonso (2021) mostra em seu trabalho que elementos como o cuidado e a sobrecarga estavam presentes em narrativas de mulheres brancas e negras durante o período inicial de pandemia de COVID-19. Entretanto, à medida em que a sobrecarga em conciliar as múltiplas frente de trabalho é enfatizada pelas mulheres brancas, as mulheres negras sublinham as preocupações "com racismo, dificuldades de acesso à direitos e questões pregressas ao estado pandêmico" (Affonso, 2021, p. 30), evidenciando como a questão da raça repercute nas experiências singulares de cada mulher.

Além da já pontuada sobrecarga por conta do cuidado em geral com as/os filhas/os, notamos a partir do contato com as narrativas, como o cuidado com a saúde mental fica a cargo da família nuclear. Ele aparece enquanto uma atribuição

prevalente às participantes da pesquisa, sendo possível perceber a partir dos seguintes relatos, as quais evidenciam o cuidado em sua dimensão afetiva e emocional (Affonso, 2021).

"Lidar com as alterações emocionais dos que me cercam." (5728)

"Dar suporte emocional a minha mãe, apesar do aumento na demanda de trabalho, não posso expor meus produtos como gostaria." (1123)

"Administrar os conflitos em casa e convencer os meus filhos da importância da máscara e distanciamento social." (5494)

As narrativas anteriores vão mostrando como está a carga das participantes da pesquisa a mediação dos conflitos em casa, como também o processo de acolhimento de aspectos emocionais de integrantes da família, tão presentes em um momento de crise generalizada em decorrência da pandemia de COVID-19. O relato correspondente à participante (5494) evidencia a responsabilidade sobre o manejo dos conflitos familiares, ao mesmo tempo em que retoma o desafio de conscientizar os filhos sobre os cuidados para evitar a contaminação e disseminação do vírus. A narrativa de outra participante (5728) conta sobre atender as manifestações emocionais das pessoas que estão com ela, como a narrativa de mais uma respondente (1123), que também sinaliza o aumento da sua carga de trabalho naquele momento. Elas estão apontando algo que chamamos de cuidado afetivo e emocional (Affonso, 2021). À medida que vamos entrando em contato com as narrativas das participantes, vamos conhecendo a amplitude das atividades que são desempenhadas por essas mulheres e dimensionando o seu envolvimento e o impacto em suas vidas. E a partir de nossas inquietações, nos perguntamos: quem cuida dessas mulheres? Elas têm a possibilidade de cuidar de si mesmas? E de serem cuidadas por outras pessoas?

Luiza Affonso (2021) traz em seu trabalho sobre como o cuidado de si entre as mulheres muitas vezes está relacionado com a disponibilidade para a realização de tarefas em um período de crise ou para o cuidado com outra pessoa. Em nosso recorte de respostas, encontramos:

"Trabalhar para pagar as contas e estar bem para cuidar de quem me procura." (3571)

"Consolidar tarefas de casa com trabalho e dar conta de tudo inclusive da frustração e depressão do filho." (3370)

Os relatos acima demonstram o aspecto do cuidado de si estar em função de se manter disponível para o cuidado com a família ou mesmo com outras pessoas, quando a narrativa da participante (3571) conta que procura estar bem para cuidar de quem a procura, podendo estar circunscrita pela esfera pessoal ou profissional. Nos parece significativo quando ainda outra participante (3370) fala dos cuidados com a casa e a experiência com o trabalho, somado ao momento de adoecimento psíquico do filho, utilizando da expressão "dar conta de tudo", a qual está tão presente nos relatos de mulheres, com ênfase entre aquelas que são mães, evidenciando as diversas violências associadas a um ideal de maternidade difundido socialmente (Gautério et al., 2022; Soares; Peixoto, 2022).

Ao mesmo tempo, esse aspecto parece estar relacionado ao fato de que as próprias mulheres têm que cuidar de si mesmas, não havendo "espaço ou direito de serem cuidadas" (Affonso, 2021, p. 27), como é possível perceber a partir das narrativas a seguir:

"Manter a sanidade mental, tanto minha, quanto da minha família." (718)

"Administrar processos emocionais de todos do meu sistema familiar, além dos meus próprios. Preocupações com fonte de renda dos meus pais, além de preocupações com a saúde deles." (5022)

Através desses relatos, reconhecemos esse movimento mais expressivo de cuidado com os demais membros da família, não apenas enquanto atividades de manutenção da casa e da vida, mas também como atenção e acolhimento das pessoas de seu convívio em relação às suas condições psíquicas e emocionais, as quais estão possivelmente relacionadas às transformações desencadeadas pela pandemia de COVID-19. Ele é realizado em conjunto com o cuidado com elas próprias por elas mesmas, como evidencia a participante (5022) quando fala de administrar os seus próprios processos emocionais e a respondente (718) que conta sobre manter a sua sanidade mental e a da família também. O isolamento parece nos contar além da restrição de contato com outras pessoas em ambientes compartilhados, também sobre a sensação de ocupar um espaço solitário e realizar uma infinidade de atividades que exigem profundamente das mulheres.

Entre o envolvimento com as diversas demandas produzidas pelo cuidado, também percebemos uma preocupação das participantes com as questões financeiras decorrentes do cenário da COVID-19 no Brasil. Esse momento inicial

ficou marcado por uma restrição significativa do setor de serviços, reduções nas jornadas de trabalho, como também demissões (Alvarenga; Gerbelli; Martins, 2020), tornando necessário a reorganização financeira, o corte de gastos e a busca por fontes alternativas de renda. Nesse sentido, introduzimos essa terceira unidade de significado, a qual nomeamos de "insegurança financeira", que permite atentar às adaptações necessárias no cotidiano das mulheres por conta da redução de renda, acompanhadas, algumas vezes, da incerteza quanto às questões financeiras.

### 3.2 Insegurança Financeira

É possível perceber outro impacto decorrente da pandemia de COVID-19 na vida das participantes, quando algumas delas sublinham o "impacto emocional e financeiro" (2176) e a "diminuição da renda" (3560) como um das principais transformações no cenário em questão. Notamos que as participantes que trabalham no setor privado (28%) e as que são autônomas (32%), juntas correspondem a mais da metade do recorte em análise, enquanto as participantes ocupadas no setor público equivalem a 33%. A instabilidade ou insegurança financeira está relacionada às modalidades de trabalho, fazendo com que as mulheres que são autônomas ou estão empregadas pelo setor privado estejam submetidas às flutuações do mercado, considerando os inúmeros desafios em relação ao contexto econômico brasileiro.

O capitalismo financeiro, com início no fim do século XX, é caracterizado por uma dinâmica de flexibilidade, inovação, fragmentação e reestruturação, acontecendo velocidade significativa constante, de acordo com o sociólogo e historiador estadunidense Richard Sennett (2009). O autor afirma que a dimensão de tempo nesse regime econômico repercute nos aspectos emocionais na vida das pessoas fora do trabalho e acompanhar as constantes transformações do mercado torna-se angustiante e insustentável (Sennett, 2009). Essa dinâmica está diretamente relacionada a uma forma de estar exigida das pessoas nesse regime, caracterizada por uma autonomia e um individualismo, em que cada pessoa é responsável pela sua própria trajetória no mercado de trabalho, onde se veem em uma busca constante pela realização pessoal e profissional em um contexto de volatilidade, instabilidade e insegurança (Luczinski; Ewald, 2016).

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD Contínua), no terceiro trimestre de 2020 o nível de desocupação era de 16,4% entre as mulheres, enquanto entre os homens estava em 11,9% (Barros, 2021). Em relação à raça, a mesma pesquisa apontou que o nível de desocupação entre pessoas pretas estava em 17,2% e o de pessoas pardas em 15,8%, enquanto o de pessoas brancas correspondia a 11,5% (Barros, 2021). A porcentagem correspondente à desocupação de mulheres, pessoas pretas e pardas ficou acima da média nacional de 13,9% no período (Barros, 2021). Sendo o racismo e o

sexismo elementos significativos que contribuem com os altos índices de desemprego entre as mulheres (Davis, 2016). Estando em consonância com a realidade de agravamento das desigualdades sociais pelo contexto pandêmico, a qual permite compreender esse fenômeno como uma pandemia de classe, gênero e raça (Harvey, 2020). Já a questão da empregabilidade ainda ganha outros contornos quando nos referimos às mães solo. Alguns aspectos como o nível de escolaridade e profissionalização dizem sobre as possibilidades da mulher se inserir no mercado de trabalho, como também os desafios em não poder compartilhar as despesas da casa com outras pessoas, além do desamparo por conta da ausência de uma rede de apoio, a qual permitiria conciliar os cuidados com o/s filho/s, o trabalho e os estudos (Feijó, 2023).

"Tive meu contrato de trabalho suspenso, além da mudança no cotidiano por não poder sair de casa." (1127)

"Isolamento social, dificuldade em ganhar dinheiro, ansiedade..." (1354)

"Afetou na economia. Pouco serviço, tudo está difícil." (2631)

"Aprendendo a ser mais econômica, a pensar outra forma de ganhar o sustento, a conviver melhor com as diferenças." (2845)

"A instabilidade financeira!" (3070)

"Redução na renda, pois trabalho com eventos." (5799)

Os relatos das participantes (1354, 2631 e 5799), as quais se identificaram enquanto autônomas no formulário da pesquisa, compartilham dificuldades em relação à redução da demanda pelos seus serviços. Em paralelo, uma participante (1127) sinaliza outra adversidade, a de ter o seu contrato de trabalho suspenso, enquanto mais uma respondente (2845) fala sobre a necessidade de encontrar uma fonte de renda alternativa, ao mesmo tempo em que aponta um movimento de aprendizado para economizar. Em sua resposta, ainda outra participante (3070) pontua a instabilidade financeira como desafio, parecendo descrever as múltiplas realidades das demais participantes também.

"Moro há aproximadamente 6 anos nesse bairro, e ao contrário do que aconteceu com as pessoas que já possuía contato, eu conheci meus vizinhos idosos mais de perto, fazendo alguns serviços como ir ao mercado e farmácia, além de aprender a fazer algumas coisas em casa como pão, charque, iogurte... pois tive redução de 50% do salário." (2477)

"A maior transformação causada pela insegurança, o medo de pegar o Covid e transmitir

aos meus familiares com problemas de saúde e também o impacto financeiro, como tive redução de jornada e de salários, vamos ter que ir nos apertando..." (3732)

"Ficar sem sair de casa não tem sido fácil, e tentar fazer com que o salário dê pra comer e pagar as contas, pois estamos fazendo as refeições todas em casa e colocar comida boa não é nada fácil nesse momento até porque os preços subiram." (4169)

Observamos nas narrativas acima adaptações necessárias na vida cotidiana a partir da redução da jornada de trabalho e concomitantemente da fonte de renda. A reorganização a partir da nova realidade financeira mostra a gradual restrição nos gastos, como evidencia o relato da participante (3732), aparecendo principalmente em vista da alimentação. Uma das respondentes (2477) afirma ter aprendido a produzir alguns alimentos em casa para economizar visto a redução de seu salário pela metade. E ainda outra participante (4169) relata sobre a sua preocupação em pagar as contas e alimentar a família, que passou a fazer todas as suas refeições em casa, sinalizando a qualidade dos alimentos e os seus preços. No ano de 2020, enfrentamos a alta dos preços dos alimentos a nível global em decorrência da pandemia de COVID-19 (Barros, 2021). E como consequência, a redução do consumo de alimentos como carnes e frutas por conta dos preços elevados (Prado, 2021).

O impacto em uma dimensão psíquica nas experiências das participantes em decorrência da nova realidade financeira ou da preocupação com a perda da renda, em vista da imprevisibilidade de transformação do cenário financeiro nacional, também estava permeado pelas condições políticas e sanitárias do momento. As incertezas atreladas a essas questões também são um fator que eleva a tensão no ambiente familiar (Brasil, ?a), impactando na saúde mental das pessoas e agravando os desafios frente à COVID-19. Nesse sentido, mais uma participante (2176) conta sobre um "equilíbrio emocional e financeiro", parecendo evidenciar uma relação estreita entre as duas dimensões.

"Meu maior desafio tem sido ajudar meu filho mais jovem, de 20 anos, que tem tido muita ansiedade, medo e às vezes pânico. Ele está sob tratamento psiquiátrico e fazendo terapia online. Mas me dá muita tristeza quando o vejo tão angustiado e com medo. Outro desafio é poder manter meu trabalho. Isso é algo que me deixa aflita, mas ao mesmo tempo não posso deixar essa angústia tomar conta." (2103)

"Manter a sanidade com medo de perder toda minha fonte de renda." (3778)

Com a descrição da participante (2103) é possível perceber as reverberações da angústia na sua experiência devido ao receio de perder o seu emprego. Ao mesmo tempo, notamos um movimento de continência por parte dela em relação à como estava se sentindo, o que poderia estar relacionado a evitar mais um sofrimento para o filho que, conforme ela pontua, estava enfrentando um momento de adoecimento psíquico. Ela também faz pensar sobre o fenômeno, evidenciado em trabalhos anteriores (Affonso, 2021; Gautério et al., 2022; Soares & Peixoto, 2022), de mulheres realizarem a própria gestão dos seus processos emocionais e psíquicos, sem muitas possibilidades para receber acolhimento, enquanto desempenham o cuidado com outras pessoas. Ainda sendo possível notar a repercussão psíquica da chance de perder a fonte de renda, como também conta uma das participantes (3778), em uma condição estarrecedora, considerando as implicações no próprio sentido de sobrevivência. Em face do considerável número de demissões, as significativas reduções de renda e o desemprego no cenário nacional, o Governo Federal criou um programa temporário de distribuição de renda conhecido como Auxílio Emergencial (Pozzebom, 2020). Entretanto, a demora para uma proposição legislativa oficial do governo e a implementação do programa, como também a dificuldade de acesso ao sistema e às agências bancárias aumentou a tensão das pessoas em todo o país, sendo a primeira parcela do auxílio disponibilizada apenas a partir do mês de abril de 2020 (Pozzebom, 2020).

Diante de um cenário tão desafiador por diversas questões, a dimensão financeira parece fundamental na compreensão e acolhimento da saúde das participantes em sua integralidade. A redução dos recursos financeiros e medo do desemprego impactam diretamente nas condições psíquicas das mulheres, visto o papel de responsabilidade que assumem, que como já vimos é intensificado em diversas situações. As preocupações com a sustentação financeira da família por parte das mulheres também desperta certa inquietação, considerando que historicamente o papel de provedor era ocupado pelos homens nos núcleos familiares, constituindo o imaginário social submetido à normatividade (Castoriadis, 1982) sobre as relações de gênero no ocidente. Sendo assim, mais um fator de sobrecarga se faz presente nos relatos das participantes, assumindo um papel central em suas vidas, como é revelado nas seguintes narrativas:

"Sustentar a família, desemprego." (3459)

"Manter o sustento dos meus filhos e pagar contas. " (3859)

Essas duas participantes assinalaram a questão do sustento da família na pergunta que abria espaço para falar sobre quais estavam sendo os seus desafios naquele momento. Uma delas (3459), a partir do seu relato, coloca como desafio o sustento da família e o desemprego. Ao mesmo tempo, afirma trabalhar como autônoma no setor formal, precisando sair para trabalhar durante a pandemia, com acesso às medidas de proteção contra a COVID-19. E convida a pensar que o desemprego não era uma realidade para ela naquele momento, mas que a preocupava como possibilidade para o futuro. Ela ainda afirma que não é a única responsável pelo cuidado com a/o filho, compartilhando com o pai e a avó, à medida que também assinala que cuida de outras pessoas da família durante a pandemia. Ao mesmo tempo, pontua que a responsabilidade de sustento da casa é distribuída entre os membros que trabalham. A outra participante (3859) também traz as questões referentes ao sustento e a pagar as contas como desafio, afirmando trabalhar como autônoma, mas no setor informal e não precisando sair para trabalhar durante a pandemia. Ela informa que a responsabilidade de sustento da família é compartilhada com outros membros que trabalham, sendo que é a única responsável pelo cuidado com as/os filhas/os, não estando envolvida com o cuidado de outros membros da família que não o/s filho/s durante a pandemia. Nos parece contraditório o fato da participante afirmar que tem as responsabilidades financeiras compartilhadas, mas os cuidados com as/os filhas/os não. Isso faz pensar na sobrecarga de compartilhar as despesas da casa, mas não o cuidado com as/os filhas/os, reforçando as lógicas de trabalho reprodutivo e cuidado afetivo e emocional na vida das mulheres (Federici, 2019; Affonso, 2021). E com o agravante da responsabilidade de sustento financeiro da família, algo que historicamente não era demandado das mulheres por conta da impossibilidade de ingressar no mercado de trabalho ou devido à condição não remunerada ou sub-remunerada do trabalho desempenhado.

Nesse sentido, percebemos uma demanda constante e exaustiva presente nos relatos das participantes sobre as suas experiências no período inicial de pandemia de COVID-19 no Brasil. Como vimos, essa demanda é constituída pelos cuidados com as/os filhas/os e outros membros da família, a realização das tarefas

domésticas, o envolvimento com o trabalho remunerado e a responsabilização sobre o controle financeiro e o sustento da família. Posto isso, fica nítido para nós uma demanda árdua e incessante para a operação de diversas atividades do cotidiano, ainda que muitas participantes sinalizaram partilhar a responsabilidade de cuidado com as/os filhas/os e com a casa. A presença das mulheres parece ser um elemento indispensável para o funcionamento dessas dinâmicas. Se elas não fizerem, quem irá fazer? Não estar presente, pode significar que as atividades não serão realizadas, ou serão realizadas de forma distinta, podendo ser insuficiente. E assim, a impossibilidade de parar parece ser um elemento central nas narrativas das participantes, fazendo com que colocássemos "não poder parar" como a quarta unidade de significado desse trabalho, a qual iremos desenvolver a seguir.

### 3.3 Não poder parar

O fluxo intenso e ininterrupto de atividades de cuidado com a família, atividades de estudo, trabalho e a manutenção da casa parece consumir um tempo e energia significativos das participantes, evocando uma sensação de que não há espaço para fazer outras coisas que lhes fazem sentido. Assim como assimilar e elaborar as suas vivências, considerando que estão inseridas em realidades preenchidas por intermináveis e exaustivas jornadas, somado ao contexto de uma pandemia a nível mundial sobre a qual pouco se sabia a respeito, quando ainda não havia perspectivas de vacinação contra o vírus da COVID-19 no cenário nacional. A frequência expressiva com que o excesso de trabalho aparece nos relatos contribui com a dinâmica ininterrupta de atividades em suas vidas, como é possível acompanhar a partir das narrativas:

"Dificuldade extrema em conciliar o trabalho (8 a 9 horas por dia), fazer almoço, arrumar a casa, aula online de filho, cuidar da roupa, dar atenção de noite a todos." (612)

"Falta de sol, de atividade física, excesso de trabalho." (718)

"Falta de liberdade, preocupação excessiva, aumento de trabalho." (1123)

"Sair pra trabalhar com rotinas estressantes, sobrecarregada entre as coisa de casa e o trabalho, filho etc..." (5821)

"Parar." (5774)

Os relatos evidenciam a carga excessiva de trabalho remunerado das participantes, como também os desafios em conciliá-lo com as atividades domésticas e de cuidado com a família. Uma delas (612) conta sobre a "dificuldade extrema" em conciliar as diversas frentes de trabalho, elencando algumas atividades. Quando a participante conta que um de seus compromissos é "dar atenção de noite a todos", em um primeiro momento, convida a pensar que está se referindo a sua família, mas é notável a forma como descreve se utilizando da palavra "todos", com a possibilidade de evocar em que lê uma impressão mais abrangente do que apenas os membros da família. Parece se referir a pessoas em geral, estando em diálogo com a discussão anterior sobre o cuidado afetivo emocional (Affonso, 2021). Outra participante (718) conta também sobre a carga excessiva, evidenciando a falta de sol e de atividades físicas como algo significativo,

destacando uma discussão importante que esteve presente nos principais veículos de mídia durante os períodos de isolamento. Essas questões parecem dialogar com a narrativa de mais uma das participantes (1123), quando além de marcar o trabalho caracterizado pelo aumento de sua carga, também conta sobre a "falta de liberdade", o que convoca a pensar nas implicações do isolamento social em seu relato. Ainda mais uma participante (5821) compartilha conosco o seu cotidiano marcado por "rotinas estressantes" e sobrecarga, também em vista de acomodar nos dias as suas atividades de trabalho, cuidado com a casa e com a família. Entre as participantes anteriormente citadas no parágrafo, duas delas (718 e 5821) confirmaram que precisavam sair de casa para trabalhar naquele momento, e as outras duas (612 e 1123) relataram não precisar sair para trabalhar, o que convida a pensar que a exigência para conciliar as atividades de trabalho em suas diversas faces estava presente tanto na vida das participantes que saíam de casa para trabalhar, como também para aquelas que tinham a oportunidade de seguir as atividades de trabalho de casa, ainda que cada realidade tivesse as suas especificidades.

Uma das participantes coloca "parar" (5774) como o seu maior desafio frente à pandemia de COVID-19. E isso remete à dimensão expressiva do seu envolvimento com as demandas do cotidiano, à medida em que descreve com apenas uma palavra o seu maior desafio naquele momento. Nesse sentido, também, o questionário da pesquisa aparece como uma oportunidade das mulheres darem uma pausa nas atividades do seu dia para se dedicarem ao preenchimento e entrar em contato com as suas experiências. Em contrapartida, a possibilidade de o questionário não ter sido respondido, finalizado ou enviado por conta da inviabilidade em dedicar tempo e disposição para responder às perguntas também é um cenário possível. Na sequência, conhecemos mais uma realidade a partir do relato dessa participante:

"A principal transformação que a pandemia de COVID-19 causou na minha vida, foi a de me reinventar quanto ao trabalho remoto, além de apoiar o filho nas atividades em EAD da escola, mais a necessidade de atuar como do lar 100% do tempo. Tendo que, além das 8h diárias de trabalho, necessitar cozinhar todos os dias, limpar a casa todos os dias, pois vivendo 100% do tempo em casa, acabamos sujando mais. Além disso, uma necessidade enorme de equilibrar a saúde mental, para que não hajam crises de ansiedade frequentes e que a depressão não se instale. São necessárias muita criatividade, força de vontade,

determinação e acima de tudo aceitação. Principalmente quando não encontramos força para manter tudo "ok". Conseguir dar atenção plena ao filho, e entender o quanto está sendo complicado para ele também essa nova realidade é bastante desafiadora. Sinto como se estivesse a cada dia, travando uma batalha de vida ou morte, para conseguir manter a vida fluindo como pode fluir." (2089)

Conforme a narrativa (2089), notamos como ela traz a ocupação com as atividades da casa preenchendo o seu tempo em uma integralidade, além da "atenção plena" que busca dedicar ao filho, que dialoga com o relato que vimos anteriormente de outra participante (73), que pontua a dificuldade de se perceber enquanto alguém além de mãe. É também inquietante a forma como a participante (2089) descreve enquanto "uma batalha de vida ou morte" diária o movimento de administrar todos os processos que estavam em curso naquele momento, evidenciando a considerável proporção de seus desafios.

Essas realidades fizeram lembrar da filósofa francesa Simone Weil (1996) na primeira metade do século XX na França, quando conta em seus diários de fábrica como a velocidade de execução das atividades fabris tinha como condição o ato de não pensar, fazendo-a se sentir esvaziada e sem vitalidade. Em seus relatos, ela menciona a demanda para atingir um ritmo de trabalho ininterrupto, comumente acompanhado da sua frustração quando não era possível atingi-lo (Weil, 1996). Em meio a uma rotina extenuante, a autora também sinaliza como o esgotamento afeta as suas possibilidades de pensar, e que não pensar seria a única forma de não sofrer com a vida, afirmando que "qualquer despertar do pensamento torna-se, então, doloroso" (Weil, 1996, p. 80). Ao mesmo tempo, relata como nos fins de semana era o momento em que suas lembranças começavam a voltar, mas que a qualidade e complexidade do seu pensamento se encontravam deterioradas. O vazio imposto ao pensamento sobre o qual a autora relata em seus escritos, fala da "necessidade de conservar um vazio mental integral" (Weil, 1996, p. 88) para fazer a manutenção da cadência dos seus movimento de manejo das máquinas a fim de alcançar uma meta de peças produzidas a cada dia. A própria escrita da autora sinaliza isso à medida em que é marcada por uma descrição demasiadamente objetiva, a qual nos transporta para a atmosfera fabril mecanizada em que habita.

Buscando articular as narrativas com o contexto da autora, percebemos como esse envolvimento integral com o trabalho e as atividades de cuidado das

participantes se aproximam do cenário compartilhado nos diários de fábrica de Simone Weil (1996). São realidades marcadas por profundas limitações, em questão de tempo e disponibilidade afetiva, para pensar sobre as suas experiências, decorrendo na ausência de tempo elaborativo. O contexto fabril em que a autora estava inserida e as realidades durante o período inicial da pandemia de COVID-19 que as participantes da pesquisa compartilham conosco parecem convergir em esgotamento e exaustão, convidando a pensar em como as mulheres que estão nessa investigação estariam atuando enquanto uma espécie de operárias do cuidado.

Outro aspecto notável nos diários de Simone Weil (1996) refere-se à realidade brutal em que vive naquele momento e como a faz "perder totalmente o sentimento de ter direitos" (Weil, 1996, p. 87), evidenciando a sua fragilidade e os efeitos da desconexão com a sua experiência impostos pelas condições de trabalho. O fenômeno sobre o qual a autora no conta se aproxima dos relatos das participantes da pesquisa à medida em que o envolvimento intenso e ininterrupto com as diversas atividades sobre as quais pontuamos faz com que a possibilidade e o direito de serem cuidadas comece a esvanecer, tornando-se cada vez mais apartado da realidade. Essa conjuntura vai ao encontro do que Luiza Affonso (2021) conta, sobre como os relatos das próprias mulheres em seu trabalho, em vista do cuidado com a sua saúde mental, aparecem com mais frequência quando estão relacionados à disponibilidade para fazer o manejo em momentos de crise ou em relação a cuidar de outras pessoas.

Atentamos para como as atividades domésticas, de trabalho e estudos, contando com a maternidade de forma ininterrupta, desencadeou nas experiências dessas mulheres uma dinâmica de constante envolvimento que não permitia a elas parar para pensar e elaborar as suas vivências diante das nova realidade. A perspectiva em questão aparece nas narrativas das respondentes como a impossibilidade de criar tempos e espaços para elas mesmas, nos parecendo como momentos onde fosse possível conduzir esse processo de elaboração. Ao nos referirmos à elaboração da experiência, estamos aludindo a um processo em que podemos refletir sobre o que vivemos e dar sentido para esse algo. Podemos comparar ao movimento de sair de uma atitude natural (Forghieri, 2012; Zahavi, 2019) em que estamos reproduzindo saberes e práticas enraizadas e pensar em

como aquilo está sendo para nós, criando a possibilidade de estranhar e não tomar como algo dado, assumindo uma atitude atenta e crítica diante do que nos acontece.

Os noticiários televisionados contavam todos os dias sobre a gravidade das condições sanitárias, fazendo com que cotidianamente estivéssemos em contato com o luto e a desesperança que o contexto mobilizava. Enquanto isso, narrativas paralelas presentes nas mídias cobravam por produtividade, flexibilidade e criatividade, em uma tentativa de não permitir afetar pela realidade estarrecedora que estava diante de nós. Reinventar as formas de estar no mundo perante a nova realidade havia se tornado um imperativo: incentivos para aprender um idioma, cozinhar, fazer algum trabalho manual, por exemplo, estavam em todo lugar. Não havia tempo a perder. Inúmeras estratégias eram disponibilizadas cotidianamente nos veículos de informação e nas redes sociais da internet para lidar com a insegurança, o medo e o luto. Apesar do seu propósito em promover saúde, elas dificultavam o movimento de entrar em contato com o mal-estar em que estávamos imersos, como também a possibilidade de construir os próprios sentidos a partir de nossas experiências. O pedagogo espanhol Jorge Larrosa Bondía (2002) desenvolve sobre a dimensão do experienciar, contando como o excesso de informações dificulta as possibilidades de construir experiências, como também a velocidade com que essas informações circulam e que buscamos por elas. Para o autor:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Bondía, 2002, p. 24).

Com essa descrição sobre a experiência, reconhecemos a importância de criar tempos e espaços para que possamos entrar em contato com o que acontece conosco, atentando para como algo reverbera em nós.

No contexto de pandemia, com ênfase nos seus meses iniciais, estivemos em contato com uma quantidade estarrecedora de notícias, informações e

orientações sobre as novas condições da realidade, o que fazia estar em constante contato com uma infinidade de informações que se renovavam a cada momento. Somado às ressignificações serializadas às quais estávamos expostos em grande parte do tempo, demandando por encontrarmos algo inovador e criativo para empreender naquele momento. Toda essa conjuntura impedia de atentar para as nossas próprias experiências, de deixar-se afetar pela realidade de angústia, luto e insegurança, como também de construir os sentidos possíveis para cada um/a de nós de forma autêntica.

Não parecia ser possível parar naquele contexto e, como sublinha Jorge Larrosa Bondía (2002), quando não é possível parar, "nada nos acontece" (p. 24). O educador parte das reflexões desenvolvidas pelo filósofo e sociólogo alemão Walter Benjamin (1994), ao afirmar que as possibilidades de experienciar têm nos sido subtraídas e não estamos mais conseguindo comunicá-las às gerações seguintes. Isso deflagra a pobreza de experiências que não ocorre apenas em uma dimensão privada, mas amplia-se em um contexto generalizado (Benjamin, 1994). Em consonância com a discussão, a participante (3914) compartilha:

"Ficar sem meus momentos "só eu", sem dançar, sem meditar, sem estudar, sem ficar sozinha. Meu filho pequeno não me permite isso em casa. Não poder visitar/encontrar entes queridos também é um grande desafio." (3914)

A sua narrativa (3914) evidencia uma realidade marcada pela indisponibilidade de tempo para realizar atividades que são suas ou mesmo de ficar um tempo sozinha, evocando a impressão de que está constantemente desempenhando atividades que envolvem outras pessoas, não conseguindo ter momentos para si, não somente para fazer algo que faça sentido para ela, mas também para elaborar o que lhe acontecia. A partir desse cenário, questionamos sobre quais as repercussões psíquicas da ausência de tempo elaborativo para essas mulheres. Entre estas, pensamos em como a dificuldade de pensar sobre as suas vivências pode embaraçar a tomada de decisões para fazer ajustes na própria existência. Quando não é possível reprogramar a rota, seguimos percorrendo os mesmos caminhos. Consideramos que o movimento de entrar em contato com a experiência e nomeá-la faz parte desse processo de elaboração sobre o vivido, ao dar sentido ao mundo a partir da nossa relação com ele (Zahavi, 2019). Em meio a

uma rotina repleta de tarefas, jornadas que se sobrepõem e se renovam a cada dia, questionamos em que medida há espaço para a elaboração psíquica dessas mulheres. E mesmo que houvesse tempo disponível para fazer alguma atividade de lazer ou que lhe trouxesse bem-estar, será que ainda haveria condições para assimilar o que estava acontecendo, sublinhando o contexto pandêmico?

Com efeito, fica nítido para nós, a partir do contato com os relatos, a evidência da dimensão do tempo nas narrativas das experiências das participantes. A filósofa francesa Natalie Depraz (2011) nos introduz à perspectiva de temporalidade partindo de Edmund Husserl, que convida a pensar a experiência do tempo, identificando o momento presente enquanto uma "extensão dinâmica" (p. 66). Esse fluxo temporal aparece enquanto "um processo complexo de percepção e representação, que pode estender-se indefinidamente" (Pereira Júnior, 1990, p. 78). A dimensão de tempo para Husserl está diretamente interligada à dimensão da consciência, onde a temporalidade se faz imanente à ela, não sendo possível compreendê-la a partir de uma referência externa (Cescon, 2022). Logo, a consciência do tempo pode ser percebida apenas a partir de um referencial, da experiência de uma pessoa no mundo, sendo a temporalidade "originada no fluxo absoluto de vivências, como possibilitadora das vivências temporais" (Cescon, 2022, p. 280). O que vai ao encontro do que discorre o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (2018), quando diz que o tempo nasce da nossa relação com o mundo, sendo a temporalidade uma dimensão da própria subjetividade.

Em relação ao tempo, Simone Weil (1996) relata que com frequência sentia que não operava com toda velocidade que era possível para ela no momento, mas que mesmo assim, sentia que estava ficando esgotada. Ela pontua reiteradamente em seus relatos o seu esgotamento por conta da dinâmica de seus dias na fábrica. Conta ainda que "o tempo era um peso intolerável" (Weil, 1996, p. 88) à medida em que seus dias eram ocupados pelas atividades laborais, com a impossibilidade de restabelecimento e descanso necessários quando estava em casa, e a sua retomada à rotina no dia seguinte.

Em vista das realidades compartilhadas através dos relatos das participantes, percebemos que o cotidiano narrado por elas é caracterizado por uma dinâmica vertiginosa onde precisavam caber todos os compromissos, o qual está fragmentado em diversos momentos de acordo com as demandas. Quanto a isso, aprendemos com o sociólogo alemão Hartmut Rosa (2019) como "a aceleração do

ritmo de vida" (p. 240) é efeito da contemporaneidade e como as experiências estão decompostas em intervalos cada vez menores, podendo conduzir a uma transformação na percepção do tempo e na própria experiência. Considerando o contexto das participantes, parece que o encadeamento contínuo das atividades turva o limite entre elas - principalmente entre as que tiveram a oportunidade de ficar em casa -, fazendo-as parecer constantemente interligadas, como própria consequência da "fragmentação temporal e da dissipação de fronteiras entre as formas, lugares e horários das atividades" (Rosa, 2019, p. 258). Segundo o autor, a experiência da aceleração atinge predominantemente as pessoas inseridas em dinâmicas de sociedades contemporâneas em países desenvolvidos, não se debruçando sobre as especificidades de determinados grupos ou de outros contextos. Entretanto, ele sinaliza como a experiência da aceleração na vida das mulheres se torna ainda mais intensa por conta do compromisso com os cuidados com a família e a casa ainda estar associado predominantemente a elas (Rosa, 2019).

O encadeamento das ideias anteriores permite entender que a percepção do tempo está diretamente relacionada à experiência singular de cada pessoa. Compreendemos como o excesso de informações, de trabalho e aceleração inviabilizam as nossas possibilidades de experienciar. Durante a pandemia de COVID-19, percebemos essas realidades serem potencializadas, principalmente quando conhecemos as experiências de mulheres que são mães, trabalham e estudam, considerando as múltiplas jornadas e os complexos processos de invisibilização e subalternização. Com o encontro com os relatos das participantes da pesquisa, percebemos que em decorrência de diversas demandas e atribuições em relação ao trabalho, ao cuidado com o/s filho/s e com a casa, uma forma de se relacionar com as coisas vai construindo um jeito de vivenciar o tempo, e por consequência, de construir experiências no mundo. Quando reunidas, as narrativas constituem um mosaico de vivências que evidenciam um fenômeno social caracterizado pela sobrecarga, esgotamento e cansaço, sobre o qual nos debruçamos ao longo da discussão até aqui construída.

#### 4. Considerações finais

Durante a pandemia de COVID-19, nos deparamos com realidades completamente distintas das que conhecíamos anteriormente, o que exigiu que organizássemos as nossas vidas de acordo com o novo contexto, principalmente no período inicial. Considerando as diversas idealizações e expectativas em relação às condições, nos encontramos com formas possíveis de estar naquele momento de luto, impossibilidade e desesperança. E quando consideramos a realidade de mulheres que são mães, trabalham e estudam, reconhecemos como esse movimento foi potencializado considerando as suas diversas frentes de atuação. Em vista disso, a pesquisa também aparece como possibilidade de elaboração dos acontecimentos do período pandêmico, destacando o privilégio em pensar e registrar a respeito no meio acadêmico. Tratou-se de um trabalho em criar uma história a respeito de um tempo, em um determinado espaço e a partir de uma perspectiva, nomeando as diversas experiências que estavam em curso, o que não era possível naquele momento.

As unidades de significado elencadas foram essenciais durante o percurso investigativo para compreender os sentidos das experiências presentes nos relatos das participantes, permitindo adensar e complexificar as discussões. Com a noção do isolamento social, compreendemos como ele levou à sobrecarga de cuidado por parte das mulheres, que foi se tornando além do trabalho reprodutivo, também um cuidado afetivo e emocional. A insegurança relacionada à renda revela as estruturas do capitalismo financeiro, marcado pela individualidade, flexibilidade e instabilidade, interferindo na saúde mental das pessoas, conforme contam as participantes. E como consequência dessas jornadas intermináveis, a unidade de significado "não poder parar" deflagra o empobrecimento da elaboração das experiências, sobre o qual Simone Weil, Walter Benjamin e Jorge Larrosa Bondía ajudaram a compreender, algo que também está conectado à temporalidade contemporânea.

As participantes compartilharam diversos aspectos das suas realidades, o que permitiu dimensionar a multiplicidade de suas experiências. Ao mesmo tempo, encontramos diversos sentidos em comum que convergem em seus relatos, evidenciando a dimensão coletiva dos fenômenos que experienciaram. Havia também alguns relatos que contavam sobre realidades distintas em que as

mulheres estavam conseguindo fazer um manejo satisfatório do seu tempo e das suas atividades. Entretanto, nos dedicamos a dialogar com as narrativas das mulheres que contaram sobre o seu cansaço, esgotamento e sobrecarga com o intuito de ouvir essas histórias, as quais são essenciais para narrar a pandemia de COVID-19 no Brasil, a partir de uma perspectiva de gênero, visibilizando as lógicas de subalternização. Enfatizamos que não estamos em busca de construir um perfil para as mulheres que estão nessa interlocução conosco, mas justamente complexificar as possibilidades de narrar determinadas experiências nesse período específico da história, sublinhando a parcialidade e transitoriedade da construção desses conhecimentos.

Em relação à questão dos estudos, selecionamos as respondentes que a assinalaram a graduação como incompleta, intuindo que elas estivessem com ela em curso, a fim de pensar como estar na universidade também constitui as experiências de mães que trabalham e estudam. Entretanto, a temática não apareceu de forma ampla como imaginávamos, enquanto impacto significativo das atividades acadêmicas na vida dessas mulheres, o que nos colocou diante algumas possibilidades. Uma delas é que as mulheres teriam suspenso as suas graduações no período de pandemia - ou mesmo anteriormente a esse contexto - e se isso estaria relacionado de alguma forma às demandas das demais atividades de trabalho e cuidado ou mesmo a restrições financeiras. Mais uma hipótese é se o envolvimento com as atividades do trabalho remunerado, da manutenção da casa e do cuidado com o/s filho/s ou demais integrantes da família estavam produzindo uma demanda tão intensa que não houve espaço naquele momento para que experiências com os estudos aparecessem de forma mais expressiva nos relatos conferidos à pesquisa. Não havia uma questão no formulário que buscasse investigar se as participantes estavam estudando durante o período, visto a imprevisibilidade de duração da pandemia de COVID-19 no Brasil. Assim, não temos como afirmar que todas as participantes estavam de fato com as atividades das suas graduações em curso no momento de coleta dos dados.

Uma das inquietações que permanece conosco é sobre como estão as vidas das participantes após a pandemia, levando em conta os aspectos aqui aprofundados. Os dados não são capazes de contar a respeito disso, mas parece ser significativo acompanhar os desdobramentos dessas realidades, atentando para

as repercussões psíquicas e sociais na vida dessas mulheres. Reconhecemos como elementar o movimento em seguir construindo estratégias de cuidado singulares e ampliando os espaços de trocas, no meio acadêmico e fora dele, para que continuemos ampliando os espaços de pesquisa, escuta e acolhimento. Também é preciso investir em políticas públicas e alcançar o debate na esfera pública, a fim de assegurar condições mais humanizadas para as mulheres ocuparem o mercado de trabalho, exercerem a maternidade e estudarem, em compromisso com o direito à saúde em sua dimensão integral.

Questionamos sobre os caminhos possíveis de estar no mundo enquanto mulher e também mãe, trabalhadora e estudante. À primeira vista, ocupar esse espaço de forma idealizada parece inalcançável. O sonho a tempos nutrido pelo afeto, imaginação e possibilidade passa a encadear angústia e medo, fazendo assumir as cores e os contornos de um pesadelo. Estamos tateando caminhos. E talvez a escrita seja um deles. Para Sarah Ahmed (2022), as palavras permitem que a gente se aproxime das nossas experiências, colocando essa questão como possibilidade para compreender vivências anteriores. E somamos a oportunidade de construir futuros possíveis dentro de nossas realidades, para que também possamos sintonizar o presente a partir das nossas formas de perceber e estar no mundo com essas perspectivas.

## 5. Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AFFONSO, L. C. **“Dar conta de tudo”**: o trabalho reprodutivo na pandemia a partir de uma perspectiva de raça, gênero e classe. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

AHMED, S. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: Ubu, 2022.

ALVARENGA, D.; GERBELLI, L. G.; MARTINS, R. Como a pandemia 'bagunçou' a economia brasileira em 2020. **G1**, 12 dez de 2020. Seção Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/12/como-a-pandemia-bagunçou-a-economia-brasileira-em-2020.ghtml>. Acesso em: 30 abr de 2023.

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BARROS, A. Inflação acelera em dezembro e chega a 4,52% em 2020, a maior alta desde 2016. **Agência IBGE Notícias**, 12 jan de 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29871-inflacao-acelera-em-dezembro-e-chega-a-4-52-em-2020-a-maior-alta-de-sde-2016>. Acesso em: 24 jun de 2023.

BARROS, A. Com pandemia, 20 estados têm taxa média de desemprego recorde em 2020. **Agência IBGE Notícias**, 28 abr de 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30235-com-pandemia-20-estados-tem-taxa-media-de-desemprego-recorde-em-2020#:~:text=A%20taxa%20m%C3%A9dia%20de%20desocupa%C3%A7%C3%A3o,menores%20no%20Sul%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 3 ago de 2022.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde Mental e a Pandemia de Covid-19. **Biblioteca Virtual em Saúde**, ?a. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 27 de jul de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Epicovid-19. **Saúde de A a Z**, ?b. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/epicovid-19>. Acesso em: 12 ago. 2023.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CESCON, E. Temporalidade em Husserl. **Griot**, Bahia, v. 22, p. 279-289, 2022.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEPRAZ, N. **Compreender Husserl**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades**: introdução à teoria feminista. São Paulo: Crocodilo / Ubu Editora, 2021.

FAVERO, S. R. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita

situada. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 15, n. 3, p. 1-16, jul-set, 2020.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Editora Elefante, 2019.

FEIJÓ, J. Mães solo no mercado de trabalho crescem 1,7 milhão em dez anos. **Portal Fundação Getúlio Vargas**, 18 mai de 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/maes-solo-mercado-trabalho-crescem-17-milhao-dez-ano> s. Acesso em: 5 ago de 2023.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GAUTÉRIO, K. R. et al. Desamparo e a pandemia de COVID-19: o que as mães solos têm a dizer? In: **SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, 8, 2022, Pelotas. Anais do XXXI Congresso de Iniciação Científica. Pelotas: UFPel, 2022.

GESSER, M.; ZIRBEL, I.; LUIZ, K. G. Cuidado na dependência complexa de pessoas com deficiência: uma questão de justiça social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 2, 2022.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.

HARVEY D. **Política anticapitalista em tempos de Covid19**. In: Davis M, et al. Coronavírus e a luta de classes. Brasil: Terra sem Amos; 2020.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

LUCZINSKI, G. F.; EWALD, A. P. Promessas do mundo do trabalho contemporâneo e suas armadilhas: a roupa nova do imperador em tempos hipermodernos. **Polêm!ca**, Rio de Janeiro, v. 16, n.3, p. 73-91, jul-set, 2016.

LUCZINSKI, G. F.; FARIAS, C. P. Narrativas de mulheres e ciência: um protagonismo plural em construção. **D'Generus**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 122-144, 2022.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **Ciências do homem e fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

MUGNATTO, S. Pronunciamento de Bolsonaro sobre isolamento social causa polêmica na Câmara. **Agência Câmara de Notícias**, 25 de mar de 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/648065-pronunciamento-de-bolsonaro-sobre-i-solamento-social-causa-polemica-na-camara/>. Acesso em: 5 de jul de 2023.

PEREIRA JÚNIOR, A. A percepção do tempo em Husserl. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 13, 73-83, 1990.

POZZEBOM, E. R. Aprovado pelo Congresso, auxílio emergencial deu dignidade a cidadãos durante a pandemia. **Senado Notícias**, 30 de dez de 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/12/30/aprovado-pelo-congresso-auxilio-emergencial-deu-dignidade-a-cidadaos-durante-a-pandemia>. Acesso em: 11 de set de 2023.

PRADO, C. Inflação e preço dos alimentos nesta pandemia, como sobreviver?

**Fundação 1º de Maio**, 30 de abr de 2021. Disponível em: <https://www.fundacao1demaio.org.br/artigo/inflacao-e-preco-dos-alimentos-nesta-pandemia-como-sobreviver/>. Acesso em: 26 de jul de 2023.

ROSA, H. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Unesp, 2019.

SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOARES, H. C. G.; FARIAS, C. P. Mulheres-Mães e Pandemia: solidão, sobrecarga e sofrimento. In: **SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, 8, 2022, Pelotas. Anais do XXXI Congresso de Iniciação Científica. Pelotas: Editora, 2022.

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ZAHAVI, D. **Fenomenologia para iniciantes**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.